

IGREJA ^{VIV} α JA

QUINTA-FEIRA • 5 DE ABRIL DE 2018

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31721 de 5 de Abril de 2018, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

SANTA, CECÍLIA DE OCUA A PARÓQUIA N.º 552 DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA

REPORTAGEM

P. 3-5



ATÉ JÁ, FILIPA!

FLÁVIA BARBOSA

DACS

Um amigo é fruto de uma escolha.

É uma opção de amor.

É a descoberta da alma irmã.

É a consciência clara e permanente de algo sublime que não está na natureza das coisas percíveis.

É um tesouro sem preço, um gostar sem distância, de alguém presente em nosso caminho, nas horas de dúvida, de alegria, demais para ser perdido, importante para ser esquecido.

Antoine de Saint-Exupéry

Uma nova etapa começa hoje para todos nós: o Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (DACS) dá as boas-vindas ao João Pedro Quesado, o mais recente elemento da equipa. Acreditamos nos bons tempos que aí vêm e neste trabalho conjunto que prevemos frutífero. Bem-vindo, João!

O Igreja Viva de hoje conta com o último contributo da Filipa Correia. É o último de uma série que se pauta pelo rigor e profissionalismo. A Filipa acredita nas virtudes do jornalismo

e isso transparece na maneira como escreve. Habitou-nos a uma leitura fluída, que se devora rapidamente. Mesmo em temáticas mais sérias ou graves, as suas palavras nunca pesaram as páginas. Pelo contrário: durante estes anos pudemos deleitar-nos com textos desprentensiosos, simples e leves. Os seus artigos vão fazer-nos falta: ao DACS, ao Igreja Viva e aos leitores.

cinco dias por semana. Há quem diga que é difícil – impossível? – ser amigo de colegas de trabalho. Quem profere essas palavras não conhece, de certeza, a Filipa.

Não foi difícil gostar dela. Simpática, sempre de sorriso aberto, paciente, modesta, muito serena. Criativa, nunca lhe faltavam sugestões para temas a explorar. Humilde, acreditava em aprender todos os dias: não havia

outros adjetivos fizeram com que rapidamente nos tornássemos amigas muito para além do trabalho.

A Filipa foi uma lufada de ar fresco para mim e para todo o DACS. Em alturas de maior pressão ou desgaste sabíamos que ela estava lá, sempre calma. Quando a nossa tendência era ver o copo meio vazio, ela mostrava-nos que estava meio cheio. Onde houvesse caos, ela encontrava sempre um lado positivo. A minha colega e amiga abraça agora um novo desafio profissional. Vou ter saudades das nossas conversas, dos risos, das confidências e do trabalho tantas vezes a quatro mãos. Mas, acima de tudo, estou e estamos felizes por ela.

Não é fácil escrever este texto. As retrospectivas e balanços são sempre difíceis: parece que muito mais haveria a dizer, as palavras tornam-se insuficientes.

Hoje é, sobretudo, dia de agradecer. Pela presença da Filipa, pelo seu trabalho e pelas marcas que no DACS deixou. Não há tinta ou chuva que as apague, são indelévels. Vamos sentir a sua falta, mas, acima de tudo, vamos sempre sentir-nos agradecidos pela oportunidade que tivemos em trabalhar com ela. É, provavelmente, a palavra que melhor descreve aquilo que sentimos de momento: gratidão. Obrigada e até já, Filipa!



A Filipa Correia juntou-se ao DACS em 2015. Trabalhámos juntas quase três anos. Foram oito horas por dia,

pergunta que guardasse apenas nos seus pensamentos se isso significasse fazer um bom trabalho. Estes e muitos



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

1 de Abril de 2018

Hoje repetimos aquela maravilhosa proclamação: “O Senhor verdadeiramente ressuscitou, como havia previsto”. Feliz Páscoa para todos!

4 de Abril de 2018

A única arma invencível é a caridade, porque tem o poder de desarmar as forças do mal.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

4 de Abril de 2018

Jesus doou-se a nós até ao ínfimo pedaço de si. Não é isso o que acontece quando comungamos o seu corpo e bebemos o seu sangue!?



PEDITÓRIO DA CÁRITAS ANGARIOU MAIS DE 180 MIL EUROS

A Cáritas Portuguesa esteve nas ruas no início do mês de Março e os resultados são positivos. O peditório público anual recolheu 181.487 euros nos quatro dias da Semana Nacional Cáritas deste ano. O presidente da instituição, Eugénio Fonseca, explica que a verba angariada se destina “ao apoio social a pessoas e famílias em situação de pobreza prestado pelas Cáritas diocesanas”. “Agradecemos a todos os portugueses que, mais uma vez, responderam positivamente ao apelo da Cáritas”, afirmou Eugénio Fonseca.



PARTICIPAR NA EUCARISTIA "COMPROMETE EM RELAÇÃO AOS POBRES"

Na Audiência Geral desta semana, o Papa Francisco realçou a ligação entre a participação na Missa e o empenho com os pobres. “Participar na Eucaristia compromete em relação aos pobres, educando-nos a passar da carne de Cristo à carne dos irmãos, nos quais Ele espera para ser reconhecido, servido, honrado e amado”, disse, perante milhares de pessoas reunidas na Praça de São Pedro. Francisco sublinhou ainda a Missa como uma ocasião privilegiada para os que nela participam possam “viver mais como cristãos”.



ACNUR PRECISA DE 51 MILHÕES PARA AJUDAR CONGOLESES NA ANGOLA

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) está a pedir 51 milhões de euros para apoiar o governo de Angola na assistência humanitária aos refugiados congoleses que procuraram abrigo na província de Lunda Norte, para fugir à violência na região de Kassai, no Congo. Neste momento, Angola acolhe mais de 35 mil congoleses. O novo pedido de ajuda para os refugiados faz parte de um apelo regional de 407 milhões de euros para dar resposta à crise congolesa.

SANTA CECÍLIA DE OCUA A PARÓQUIA N.º 552 DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA

FILIPA CORREIA

TEXTO E FOTOS

A Arquidiocese de Braga vai muito além de Portugal. Apadrinhou a paróquia de Santa Cecília de Ocua, na província de Cabo Delgado, em Moçambique, no âmbito de um acordo de cooperação com a diocese de Pemba. Nesta paróquia n.º 552 da Arquidiocese estão o leigo António e o padre Paulino, missionários que adoptaram a aldeia de Mahipa como sua casa ao longo de um ano. Apesar das dificuldades, prevalece a “linguagem do amor”, diz o Pe. Paulino. Para António, a experiência tem sido sinónimo de um “crescimento gigante”.

“SALAMA!”. BEM-VINDOS A MAHIPA

O dia em Mahipa começa bem cedo, com os primeiros raios de sol. Pelas 4h30/5h, já é hora de “mata-bicho” – nome dado pelos locais ao pequeno-almoço. Depois de um pedaço de mandioca ou uma papa à base de farinha e açúcar aconchegar o estômago, estão prontos para a dureza da machamba – terreno onde cultivam. Carregados de ferramentas, cestos e baldes, que àquela hora ainda

vão leves, seguem caminho pela terra vermelha, descalços ou em chinelos, rumo ao trabalho de mais um dia. De todos os dias, de Segunda a Segunda. As crianças de colo acompanham as mães, penduradas às costas, seguras pela capulana.

Após a jornada de trabalho, aguarda-os um caminho ingrato de regresso, debaixo de um sol ainda mais forte e com os cestos e baldes já cheios. São as mulheres que os carregam, à cabeça, com uma destreza a que a necessidade obrigou. Nem os filhos empoleirados lhes perturbam o equilíbrio. Entre conversas e risadas, iludem a dureza do percurso. Desengane-se quem da alegria lhes adivinhar uma vida fácil. Por detrás dos sorrisos, a crueza de um dia-a-dia pautado pelo trabalho e submissão.

Ao final do dia, pelas 18h, prepara-se o jantar. Uma rotina em função da luz solar. Apenas 3,3% das casas da província de Cabo Delgado possuem electricidade (dados de 2007, do Instituto Nacional de Estatística). Por entre as casas de bambu, madeira e matope – terra barrenta composta por argila, água e ramos –, encontram-se pequenas fogueiras, prestes a tratar o jantar. Adija Alfredo está de volta das panelas. O marido ainda não chegou, está no mercado a tentar vender os produtos da machamba. Cultivam amendoim, mandioca seca e moringa. Hoje, o jantar vai ser chima,

uma mistura de farinha com água. Tal como ontem e, provavelmente, amanhã. As crianças estão pela rua. Enquanto houver luz, é hora de brincadeira. Percorrendo o caminho enlameado, duas casas abaixo está Blaite Valente. Debruçado sobre os bambus, procura consertar o que as últimas chuvadas destruíram. “O teto é de bambu, e quando chove estraga”, lamenta. Quando chegar o tempo seco vai aumentar a casa “pelo menos seis metros”. A mulher ainda não chegou, foi buscar água ao poço para cozinhar o jantar. Blaite é camponês, semeia milho e algodão, que depois vende no mercado. Quer que os filhos, um menino de sete anos e uma menina com quatro anos, estudem mais do que ele, que apenas fez a 6.ª classe. Tem esperança que os estudos lhes proporcionem uma profissão melhor e que depois consigam ajudar os pais. A mulher já chegou. Sorri, não fala português. Para o ano, a filha vai para a escola. Aí terá o primeiro contacto com a língua oficial do país.

Próximo da casa de Blaite, vivem o Pe. Paulino e o leigo António, missionários da Arquidiocese de Braga. Chegados a Mahipa há oito meses, ficam pelo menos um ano para dar continuidade ao trabalho iniciado pela equipa missionária anterior. “Salama!”, o tradicional cumprimento em língua emakhwa, é o nome do projecto que integram e que António resume: “O

«Salama!» consiste numa cooperação missionária, principalmente na parte pastoral, de evangelização. Também prestamos apoio noutras áreas, como a nutrição materno-infantil, o transporte de alguns doentes para o hospital, o apoio escolar a estudantes da escola secundária, a doação de bens de primeira necessidade a famílias mais carenciadas e a produção de uniformes escolares para algumas meninas”.

Fruto do trabalho da equipa anterior, conseguiram reabrir o posto de saúde, outrora abandonado. Agora, reabilitadas as instalações, a população tem acesso a consultas de enfermagem na aldeia. A reorganização das machambas também tem garantido melhores produções e maior rendimento à população. Na mira está a reabertura da “escolinha”, para as crianças em idade pré-escolar. Surgem algumas questões. A melhor forma de garantir a continuidade dos projectos que vão surgindo é a preocupação principal.

As carências são transversais a todas as áreas, com a pobreza sempre à espreita. É essa a grande diferença que o Pe. Paulino destaca comparativamente a Portugal. “Os nossos pobres não são tão pobres como os pobres daqui. Ao mesmo tempo, têm a capacidade de com tão pouco, com tanta pobreza, conseguem ser ou parecerem felizes”, diz. Contactar com

uma realidade que só tinha visto na televisão, ver os sorrisos e a simpatia das crianças que “se calhar naquele dia passaram fome” são aspectos que o têm marcado.

INCULTURAR: “O PRIMEIRO E O GRANDE DESAFIO”

Na aldeia todos sabem onde fica a casa dos missionários. As solicitações são constantes. Batem à porta. “O mano António está?”, ouve-se assim que a porta abre. É a mamã Catarina, com a filha à pendura, embrulhada na capulana. Vem buscar leite em pó para a Margarida – nome que escolheu em homenagem à missionária da equipa anterior. António consulta a calendarização do programa de aleitamento materno. Cada beneficiário tem uma ficha individual onde alguns dados, como o peso do bebé, vão sendo actualizados. Dos seis filhos de Catarina, Margarida é a mais nova. Tem nove meses e está há cinco no programa de aleitamento. Após uma avaliação pelo enfermeiro do Posto de Saúde, concluíram que o leite da mãe não era suficiente para as necessidades da criança. “Agora ela está gorda, bonita e saudável, por causa do leite. Aumentou muitos quilos, pesa 6.300kg”, conta a mãe, enquanto ri. Para além das situações de desnutrição, explica António, há muitas crianças orfãs acolhidas pelo programa.

Atendida a mamã Catarina, batem à porta novamente. Vêm pedir explicações sobre uma matéria da escola. António procura sempre incentivar os alunos a prosseguirem com os estudos. Lamenta que o Ensino Superior não esteja ao alcance de todos. Alberto, com quem muitas vezes conversa no alpendre da casa, sonha vir a ser enfermeiro no Posto de Saúde da aldeia. “Ficamos sempre com um aperto no coração por querermos ajudar mas não conseguirmos. Licenciar-se em Enfermagem implica pagar propinas, deslocação, alojamento, alimentação, fica muito dispendioso. Só os funcionários públicos, que trabalham, é que conseguem pagar a universidade, ou quem tem mais umas posses, filhos de portugueses, de estrangeiros, malta de fora”, desabafa.

Apesar do sentimento de impotência, António ajuda naquilo que pode. Designer de profissão, deixou o emprego para dedicar um ano da sua vida à missão. E não se arrepende. Foi em prol de um sonho que “tinha desde há muito”.

Na rua, conhece todos por quem passa. “Aqui toda a gente se cumprimenta, mesmo que não conheçam vêm ter contigo, dão-se a conhecer, e isso

é uma alegria para nós. Viver no mundo ocidental dá-nos coisas mais desenvolvidas, mas as pessoas mal se conhecem, mal falam”, conta.

Mas apesar do balanço positivo da missão, as diferenças culturais são aspectos com os quais ainda está a aprender a lidar. “A parte cultural surpreendeu-me um bocadinho principalmente por causa da situação da mulher. A mulher aqui ainda está muito presa aos costumes antigos, e nós todos os dias batalhamos, também com a ajuda da comissão da mulher e de algumas mães mais formadas aqui nas aldeias, para que a mulher fique mais independente. Porque a mulher aqui, infelizmente, não vai à escola, não fala português, o marido é que resolve tudo”, explica.

Para o padre Paulino, a solução passa, sobretudo, pela inculturação. “O trabalho missionário e, no fundo, da presença do Evangelho, nunca pode ser desviado da realidade, tem que ser sempre inculturado, e esse é talvez o primeiro e o grande desafio”, revela. Dá o exemplo dos “ritos iniciáticos”, que assinalam a transição dos adolescentes para a vida adulta e que foram sofrendo alguns “desvios”, resultando, muitas vezes, em gravidezes precoces. Essas tradições, recorda, já tiveram um acompanhamento próximo da parte da Igreja Católica. Acredita que a solução não passa por impor ou restringir, mas antes por acolher a cultura da comunidade e acompanhar, orientar: “Dar a dignidade que a fé e a nossa presença evangélica a partir de Jesus Cristo podem trazer a esse rito”. “Então aí nós estamos a inculturar”, remata.

UMA IGREJA MOVIDA A LEIGOS

A Igreja paroquial está cheia. É Domingo. Situada em Mahipa, a igreja sede de Santa Cecília de Ocuá é ponto de encontro das várias comunidades, ou pelo menos das mais próximas. As músicas ritmadas, as palmas, e até algum gingar de anca, fazem parte da celebração. As crianças participam, cantam e dançam ao longo das quase três horas de eucaristia. É o Pe. Paulino a celebrar, com a ajuda de um membro da comunidade, que vai traduzindo para a língua materna. O contacto diário com os paroquianos já lhe permite dizer algumas palavras em emakhwa. Valeram-lhe ainda as gravações de áudio do padre Jorge, da equipa missionária anterior, que o ajudaram a familiarizar-se com a língua. Mas acima de tudo, diz, “há uma linguagem que é universal, aqui é em todo o lado, que é a linguagem do amor”.

Antes da chegada do Pe. Paulino, a celebração da Palavra era assegurada por leigos, os “animadores da Palavra”.



Na diocese de Pemba, são poucas as igrejas que contam com a presença de um padre. A maioria das comunidades vê o pároco apenas uma vez por ano, ou até menos. Numa província onde convivem cristãos, muçulmanos, hinduístas e outras religiões africanas, os leigos católicos, que representam cerca de 30% da população, têm mantido vivas as tradições da Igreja. Cada paróquia está dividida em diferentes

zonas, onde cabem várias comunidades. Na paróquia de Santa Cecília de Ocuá existem 17 zonas e 96 comunidades. A comunidade mais distante da sede da paróquia situa-se a 60km, traduzidos em três horas de carro, e umas quantas mais de bicicleta ou a pé. Na impossibilidade de chegar a todas as comunidades, são os “zonais”, ou responsáveis de zona, que fazem a ponte



com o padre. São leigos dedicados, numa Igreja dita ministerial, onde a fé não esmoreceu com a ausência do padre. “Cada comunidade tem os seus leigos que desempenham as funções ministeriais. O trabalho pastoral na paróquia de Santa Cecília de Ocua depende essencialmente destes leigos que são os coordenadores, juntamente com a equipa missionária, e que vão fazendo a aproximação do terreno”, explica o Pe. Paulino.

Em comunidades que sobreviveram tantos anos sem a presença do padre, acrescenta, o trabalho a desenvolver passa, sobretudo, por “caminhar com as pessoas e capacitar na formação e no cumprimento da missão para a qual as pessoas foram escolhidas”.

Entre os meses de Novembro e Dezembro, os missionários visitaram as 17 zonas da paróquia. O Pe. Paulino perde-se no número de sacramentos celebrados, mas recorda os baptizados com cerca de 70 crianças e 80 adultos em simultâneo.

Com apenas 14 padres diocesanos, a diocese de Pemba conta com a ajuda de padres missionários, religiosos e padres fidei donum – padres missionários diocesanos –, perfazendo um total de 40. Para o bispo de Pemba, D. Luiz Fernando Lisboa, ele próprio missionário passionista, este é ainda um “número

pequeno”, tendo em conta a “extensão da diocese”. E apesar de quase todas as paróquias terem pároco, muitas delas possuem mais de 100 comunidades. São quase 900 comunidades para 22 paróquias. “Seriam precisos muitos mais padres”, confessa.



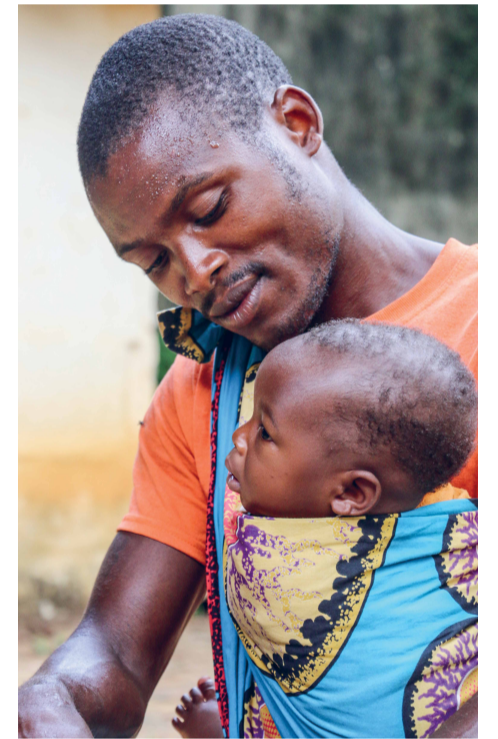
muitas solicitações, mas vou procurar estratégias para não deixar que o activismo supere aquilo que é o trabalho pastoral”, partilha.

O estilo de vida simples e desprendido é algo que também quer manter, com as naturais adaptações impostas pelo contexto. “Os bens materiais muitas vezes impedem-nos de ver o outro e vão-nos atafalhando a vida e o próprio coração”, justifica.

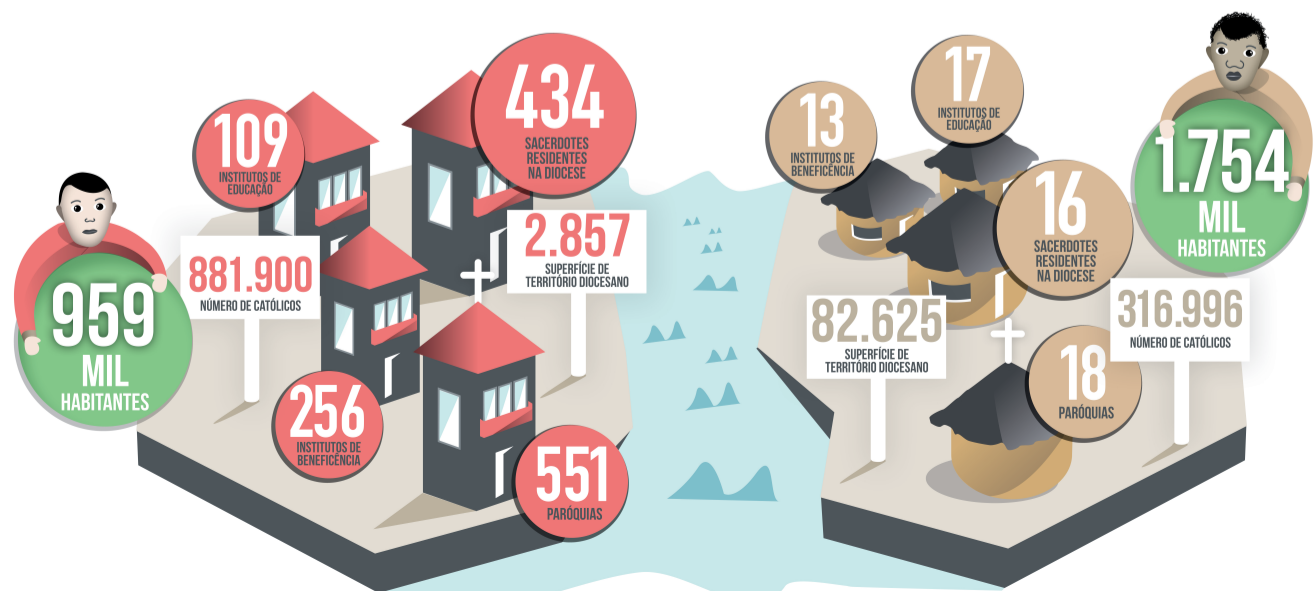
Após oito meses de missão, António não tem dúvidas: “Esta experiência fez-me crescer de uma maneira gigante”. E garante que todos os dias aprende algo de novo. “Nós aqui só vimos fortalecer o que eles já têm, dar um pouquinho de nada. Quem recebe mais somos nós, porque vamos sair daqui com outro modo de ver as coisas, com outros ensinamentos”, acrescenta.

Comparando a Igreja de Braga com a de Pemba, o Pe. Paulino conclui: “Parece que andamos ao contrário”. “Aqui já estão estabelecidas as celebrações da Palavra e agora procuramos que a eucaristia chegue a mais cristãos. Lá na nossa diocese há cada vez mais dificuldade em garantir a celebração da eucaristia, mas é perfeitamente possível ao Domingo haver celebração da Palavra dinamizada pelos ministérios que já existem”, explica.

Fala também sobre o “activismo” a que o dia-a-dia enquanto pároco na Arquidiocese de Braga obriga. Em Pemba, tem aprendido a ser mais paciente, a parar mais para rezar e estar com as pessoas. No final da missão, vai tentar levar consigo essa dedicação ao encontro pessoal. “Tenho consciência que ao chegar lá me vou deixar absorver pelo activismo, porque efectivamente é necessário responder a



BRAGA ↔ PEMBA



“JESUS APRESENTOU-SE NO MEIO DELES”

III DOMINGO DE PÁSCOA

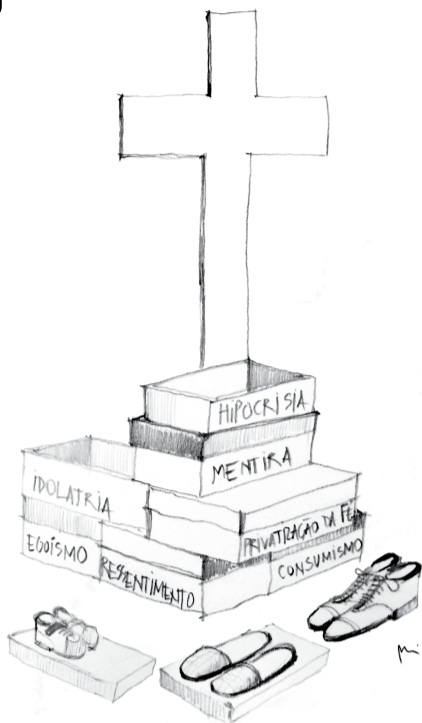


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

ITINERÁRIO

ATITUDE: Caminhar

CONCRETIZAÇÃO: Durante este percurso Pascal, vamos continuar a abrir as caixas dos pesos de que nos libertámos na Quaresma e, assim, colocar pés a caminho no anúncio feliz da presença de Cristo Ressuscitado no meio da comunidade dos seus discípulos, com a ajuda de “calçado apropriado” à mensagem de cada Domingo. Antes da Liturgia da Palavra, após a leitura de uma pequena introdução abrimos a caixa “IDOLATRIA” e de lá retiramos uns CHINELOS DE QUARTO.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Cantemos, cantemos*, M. Faria (IC, p. 246; NRMS 68)
- **APRES. DONS:** *Honra, glória e louvor*, F. Silva (IC, p. 252; NRMS 1)
- **COMUNHÃO:** *Nasceu o Sol da Páscoa*, M. Luís (IC, p. 301-302; NRMS 21)
- **FINAL:** *Rainha dos céus, alegrai-vos*, F. Silva (IC, p. 261; NRMS 17)

EUCOLOGIA

- **ORAÇÕES PRESIDENCIAIS:** Orações próprias do III Domingo da Páscoa (*Missal Romano*, p. 342).
- **PREFÁCIO E ORAÇÃO EUCARÍSTICA:** Oração Eucarística V/C (*Missal Romano*, pp. 1169-1173)
- **BÊNÇÃO SOLENE:** Tempo Pascal (*Missal Romano*, p. 558).

VIVER NA ESPERANÇA

Os chinelos de quarto podem lembrar-nos o conforto de casa ou a doença e “desconforto” de uma clínica, lar ou hospital. Por isso, hoje deixarei de venerar falsos “deuses” dentro de casa e partirei ao encontro de alguém que esteja obrigado a usar chinelos de quarto, porque nessa pessoa também está Jesus Ressuscitado.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I ACTOS 3, 13-15.17-19

Leitura dos Actos dos Apóstolos

Naqueles dias, Pedro disse ao povo: “O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, o Deus de nossos pais, glorificou o seu Servo Jesus, que vós entregastes e negastes na presença de Pilatos, estando ele resolvido a soltá-l’O. Negastes o Santo e o Justo e pedistes a libertação dum assassino; matastes o autor da vida, mas Deus ressuscitou-O dos mortos, e nós somos testemunhas disso. Agora, irmãos, eu sei que agistes por ignorância, como também os vossos chefes. Foi assim que Deus cumpriu o que de antemão tinha anunciado pela boca de todos os Profetas: que o seu Messias havia de padecer. Portanto, arrependei-vos e convertei-vos, para que os vossos pecados sejam perdoados”.

SALMO RESPONSORIAL SALMO 4, 2.4.7.9 (R. 7A)

Refrão: Fazei brilhar sobre nós, Senhor, a luz do vosso rosto.

LEITURA II 1 JO 2, 1-5

Leitura da Primeira Epístola de São João

Meus filhos, escrevo-vos isto, para que não pequeis. Mas se alguém pecar, nós temos Jesus Cristo, o Justo, como advogado junto do Pai. Ele é a vítima de propiciação pelos nossos pecados, e não só pelos nossos, mas também pelos do mundo inteiro. E nós sabemos que O conhecemos, se guardamos os seus mandamentos. Aquele que diz conhecê-l’O e não guarda os seus mandamentos é mentiroso e a verdade não está nele. Mas se alguém guardar a sua palavra, nesse o amor de Deus é perfeito.

EVANGELHO LC 24, 35-48

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, os discípulos de Emaús contaram o que tinha acontecido no caminho e como tinham reconhecido Jesus ao partir do pão. Enquanto diziam isto, Jesus apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: “A paz esteja convosco”. Espantados e cheios de medo, julgavam ver um espírito. Disse-lhes Jesus: “Porque estais perturbados e porque se levantam esses pensamentos nos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo; tocai-Me e vede: um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho”. Dito isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E como eles, na sua alegria e admiração, não queriam ainda acreditar, perguntou-lhes: “Tendes aí alguma coisa para comer?”. Deram-Lhe uma posta de peixe assado, que Ele tomou e começou a comer diante deles. Depois disse-lhes: “Foram estas as palavras que vos dirigi, quando ainda estava convosco: ‘Tem de se cumprir tudo o que está escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos’”. Abriu-lhes então o entendimento para compreenderem as Escrituras e disse-lhes: “Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas de todas estas coisas”.

“ Jesus apresentou-Se”

REFLEXÃO

Aclamai a Deus, terra inteira, cantai a glória do seu nome, celebrai os seus louvores. Aleluia.

Salmo 65, 1-2

A experiência do Ressuscitado muda por completo a vida dos discípulos, liberta-os do medo, desperta-lhes esperança e converte-os em testemunhas alegres e apaixonadas do Evangelho. “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG 1). Os nossos lábios e toda a nossa vida tornam-se um hino à glória de Deus. Unidos a toda a criação, à terra inteira, celebramos os seus louvores com alegria e esperança. Aleluia.

“Jesus apresentou-Se no meio deles”

O Terceiro Domingo de Páscoa (Ano B) reflecte a experiência do Ressuscitado numa comunidade mais ampla, na qual estão presentes os apóstolos e outros discípulos, tornando possível a superação do desencanto causado pelas falsas expectativas. É o próprio Ressuscitado que, com a sua presença, desvanece o desalento e faz recuperar a esperança: “Jesus apresentou-Se no meio deles”. Não é fácil acreditar na ressurreição de Jesus Cristo. Não é imediato e espontâneo acolher o Evangelho da Páscoa. Dito de outro modo, a ressurreição, apesar de ser uma experiência verdadeira, requer, ao mesmo tempo, a disposição para acreditar.

Aceitar a companhia do Ressuscitado transforma o coração e o entendimento, torna-nos disponíveis para despertar esperança em nós e nos outros. Na verdade, a força que nos torna capazes de caminhar, que nos impele a dar passos de esperança, tem a sua origem no próprio Jesus Cristo que não só toca e aquece os corações, como também abre o entendimento para acolher todas, mesmo todas, as situações da existência.

“Então, quando acordas, de manhã, quando entras na igreja, imagina Jesus assim, como um amigo sorridente, que te acolhe de braços abertos e te traz um presente: existe paz para ti. (...) Talvez eu toque n'Ele quando Ele me toca, quando me alcança com uma alegria inesperada, humilde, quando rezo ou abro o Evangelho. Mas toco-Lhe sobretudo nas pessoas, que são o Seu canal: quando flui o amor, queimando todas as coisas inúteis, ou numa carícia gratuita, num deslumbramento. (...) Vive em mim, dilata-se dentro de mim, chora as minhas lágrimas e, depois, sorri como ninguém. Às vezes, vive em meu lugar, e então acontecem-me coisas maiores do que eu. Ele em mim permite-me ultrapassar os meus limites” (Ermes Ronchi).

“Chinelos de quarto”

O Ressuscitado continua a apresentar-se no meio dos seus discípulos missionários. Hoje, a sua presença realiza-se na escuta da Escritura, na oração pessoal e comunitária, nos encontros de formação, na celebração dos sacramentos, na relação com os irmãos. Neste domingo, “calçar” os “chinelos de quarto” permite tomar consciência de que o Ressuscitado não se torna presente através de fenómenos extraordinários, mas no mais simples do nosso quotidiano, na intimidade, nos gestos mais comuns, nos pequenos pormenores.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

DESPERTAR A ESPERANÇA

[Introdução ao espírito celebrativo]

Jesus aparece, visivelmente, aos apóstolos e convida-os a tocarem o Seu corpo glorificado, a fim de que não subsistam dúvidas acerca da Ressurreição. Ele não é apenas um espírito imortalizado. Ele ressuscitou também no Seu corpo, como o provam as cicatrizes da Paixão e a refeição tomada diante deles. A salvação alcançada por Jesus é, na verdade, total. Não abrange apenas a alma. Também o nosso corpo será glorificado. O que é necessário é que o cristão saiba sempre respeitar o seu corpo. Só assim a renovação iniciada com os sacramentos se tornará, no futuro, “glória incorruptível”.

ENRAIZAR A ESPERANÇA

[Dinâmica própria do Tempo Litúrgico]

1. Introdução à Liturgia da Palavra

[Admonição] Um dos espaços onde mais revelamos a nossa personalidade é dentro de casa. Um espaço sagrado onde habitamos sem máscaras, sem formalismos e sem etiquetas. Foi precisamente nesse espaço, dentro de uma casa, que Jesus revelou a dois discípulos a sua identidade de Ressuscitado.

[Gesto] Que estes chinelos que usamos diariamente dentro de casa nos ajudem a compreender que não podemos estar à espera de fenómenos extraordinários ou de efeitos especiais, quando Jesus prefere revelar-se, sobretudo, nos pequenos pormenores, nos gestos discretos e nos espaços mais íntimos da nossa existência. A idolatria mais perigosa acontece quando olhamos a fé como um mero assunto doutrinal, desligando-a do nosso quotidiano.

2. Proclamação da Palavra

[Primeira Leitura] O leitor deverá preocupar-se em vincar duas partes diferentes do discurso de Pedro: “O Deus de Abraão, de Isaac...” e “Agora, irmãos, eu sei que agistes por ignorância...”.

[Segunda Leitura] A leitura deve ser feita de forma pausada, sobretudo entre as diferentes frases, para se entender bem a ideia que São João procura transmitir.

PARTILHAR A ESPERANÇA

[Indicações para a reflexão partilhada na homilia]

• O apelo ao arrependimento e à conversão que aparece no discurso de Pedro lembra-nos a necessidade contínua de reequacionarmos as nossas opções, de deixarmos os caminhos de egoísmo, de orgulho, de comodismo, de autossuficiência em que, por vezes, se desenrola a nossa existência. É preciso que, em cada instante da nossa vida, nos convertamos a Jesus e aos seus valores, numa disponibilidade total para acolhermos os desafios de Deus e a sua proposta de salvação.

• Jesus ressuscitou verdadeiramente ou a ressurreição é fruto da imaginação dos discípulos? Como é possível ter a certeza da ressurreição? Como encontrar Jesus ressuscitado? É a estas e a outras questões semelhantes que o Evangelho deste Domingo procura responder. Com a sua catequese, Lucas diz-nos que nós, como os primeiros discípulos, temos de percorrer o nem sempre claro caminho da fé, até chegarmos à certeza da ressurreição. Não se chega lá através de deduções lógicas ou através de construções de carácter intelectual; mas chega-se ao encontro com o Senhor ressuscitado, inserindo-nos nesse contexto em que Jesus Se revela – no encontro comunitário, no diálogo com os irmãos que partilham a mesma fé, na escuta comunitária da Palavra de Deus, no amor partilhado em gestos de fraternidade e de serviço. É nesse “caminho” que vamos encontrando Cristo vivo, actuante, presente na nossa vida e na vida do mundo.

Se no meio deles”

3 PÁSCOA B . 2018

LABORATORIODAFE

A VERSÃO COMPLETA DO SUBSÍDIO LITÚRGICO ENCONTRA-SE
DISPONÍVEL EM WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT/LITURGIA/



SEMANA DE ESTUDOS TEOLÓGICOS REGRESSA NO FINAL DE ABRIL PARA FALAR DA SEMANA SANTA

A Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Braga promove, entre os dias 24 e 28 de Abril, a Semana de Estudos Teológicos, dedicada à Semana Santa, com a participação de quatro especialistas académicos.

No dia 24, Rui Ferreira, da Universidade do Minho, fala sobre “Os cerimoniais público(-privados) e as solenidades da Semana Santa de Braga”. No dia 25 é a vez de explorar os “Textos e Ritos da Semana Santa” com a ajuda do Pe. Joaquim Félix, membro do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (CITER) da Universidade Católica.

A 26 de Abril, João Manuel Duque, também do CITER, fala da dimensão do “Turismo e Hospitalidade” da Semana Santa de Braga. A última comunicação, no dia 27, é de Maria Clara Saraiva, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que fará uma “abordagem antropológica” à emoção e sentidos da Semana Santa.

O último dia conta com um roteiro histórico da Semana Santa de Braga, conduzido também por Rui Ferreira. As inscrições podem ser feitas *online* ou na secretaria da Faculdade de Teologia.



AGENDA

07.04.2018

APRENDER A LER A ARTE: VISITA AO BOM JESUS

10h00 / Pórtico do Bom Jesus

SERÃO SOLIDÁRIO DO GRUPO VOA

21h30 / Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Guimarães

08.04.2018

CONCERTO DE JAVIER NEGRÍN

21h30 / Espaço Vita

IX CAMINHADA SOLIDÁRIA DA AIA

10h00 / Avenida Central

10.04.2018

ENCONTRO DA COMUNIDADE DE LEITURA

21h15 / Salão do Centro Paroquial de S. Lázaro



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o Pe. Carlos Vaz, reitor da Igreja de Nossa Senhora-a-Branca.



LEITOR DE CÓDIGO

Fale connosco no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Filipa Correia, Flávia Barbosa, João Pedro Quesado)
Design: Romão Figueiredo
Multimédia: Ana Marques Pinheiro
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

ESPAÇO VITA ACOLHE FESTA DA FAMÍLIA EM MAIO

O Dia Arquidiocesano da Família será assinalado a 20 de Maio com a “Festa da Família” a decorrer no Espaço Vita a partir das 11h00.

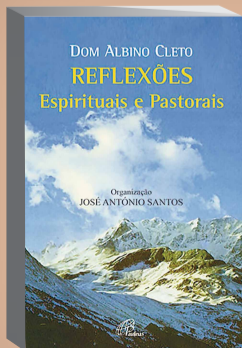
O Arcebispo Primaz preside à eucaristia onde serão celebradas as Bodas Matrimoniais. O Departamento Arquidiocesano da Pastoral Familiar, responsável pela organização do evento, revelou que está prevista uma bênção especial do prelado para os casais que celebrem jubileus.

As inscrições podem ser realizadas na página da Arquidiocese e são obrigatórias para quem pretende almoçar e/ou celebrar as bodas.

O dia conta com actividades para adolescentes e crianças, bem como um concerto e uma conferência intitulada “Família, Natureza e Cultura — o corpo e a sexualidade na génese dos vínculos sociais”, proferida por José Carlos Miranda, docente da Universidade Católica Portuguesa.



LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



D. ALBINO CLETO

REFLEXÕES ESPIRITUAIS E PASTORAIS

O livro “Reflexões Espirituais e Pastorais” surge na sequência do livro “D. Albino Cleto: memórias de uma vida plena” — ambos da autoria e organização do jornalista José António Santos. Nestas “Reflexões” encontram-se alguns textos do espólio de D. Albino, antigo vice-reitor do Seminário de Almada, pároco da Basílica da Estrela, bispo auxiliar de Lisboa e, finalmente, bispo de Coimbra. “D. Albino era o mesmo na procura do melhor. Mergulhava com gosto nas lagoas da Serra, mas ainda mais na profundidade de Deus”, escreveu D. Manuel Clemente no prefácio.

PVP
10€

10%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 5 a 12 de Abril de 2018.